

EDITORIAL CADERNOS IS-UP | 8

Lígia Ferro, Maria João Oliveira e Sílvia Correia
Comissão Editorial

Como é habitual, encerramos o ano com um número especial dos CADERNOS do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, num momento em que o mundo continua a enfrentar múltiplos desafios. O agravamento da policrise – marcada pelas alterações climáticas, crises económicas, desigualdades sociais e polarizações crescentes – tem intensificado a incerteza e a vulnerabilidade sociais. No entanto, é precisamente em tempos como estes que a sociologia, as ciências sociais e humanas e as artes se revelam mais essenciais do que nunca. Através da escuta atenta, da recolha sistemática de dados, da análise crítica, e da construção de pontes entre a academia e a sociedade, estas disciplinas oferecem ferramentas para compreender as complexidades do presente e imaginar futuros mais inclusivos.

Este número especial, dedicado ao tema “Quanto espaço, físico e simbólico, ocupam as mulheres nas cidades?”, reflete essa missão, ao trazer para o centro do debate as experiências, as lutas e as propostas de transformação que emergem de intervenções que, fora da academia, estão a reconfigurar as nossas cidades e a desafiar as desigualdades que as atravessam. O volume temático, surge do projeto “Transfemina: Paisagens Interseccionais”, financiado pelo programa Europa Criativa, que se centra na criação de espaços de reflexão, discussão e ação coletiva em torno da invisibilidade das narrativas feministas no património cultural e as desigualdades no espaço público em três cidades do Sul da Europa: Porto, Barcelona e Modena.

Os espaços públicos urbanos são lugares de encontros e de intensas sociabilidades. São territórios onde se cruzam histórias, culturas, corpos e vozes. No entanto, nem todos os corpos e vozes têm a mesma força ou a mesma visibilidade nas nossas cidades. Muitas vezes idealizadas como lugares de inclusão, as urbes contemporâneas são palcos de desigualdades profundas, onde as dinâmicas de poder, género, classe, étnica/raça, apenas para nomear algumas, se manifestam de forma evidente. É neste contexto que surge a necessidade de questionar: quanto espaço, físico e simbólico, ocupam as mulheres nas cidades, especialmente as do Sul da Europa?

No primeiro texto, *Narrativas de Desejo e Desobediência- 18 anos de pele no campo das práticas artísticas participativas*, Maria João Mota e Sara Jorge apresentam o percurso da PELE, uma organização que, ao longo de 18 anos, tem desenvolvido projetos de criação artística focalizados na reflexão e na participação social e política, com o objetivo de alavancar processos de transformação individual e coletiva. O projeto *Enxoval: Tempo e Espaço de Resistência* e, mais recentemente, o *Laboratório TransFemina - Porto*, são exemplos de como a arte pode ser um veículo poderoso para ressignificar o espaço público e visibilizar as

histórias e corpos que permaneceram ausentes. As autoras questionam quanto espaço ocupamos nós mulheres, quais os corpos invisíveis nas cidades e que lugares podemos e queremos ressignificar. Estas perguntas ecoam ao longo de todo número temático, desafiando-nos a refletir sobre o papel das mulheres na construção das cidades e dos seus quotidianos.

Vanessa Marcos, no texto *Corpos em Trânsito no Espaço Público – Territórios de (Não) Ocupação*, aprofunda esta reflexão ao abordar o espaço público como um território de disputa. Quem o ocupa? Como é ocupado? E em que horários? A autora explora as dinâmicas de exclusão e marginalização que moldam o espaço urbano, destacando a importância de politizar os corpos como territórios a serem defendidos. A partir do Laboratório Local do Porto, Marcos partilha experiências de mapeamento de ausências e invisibilidades, propondo práticas de resistência poética, afetiva e política que desafiam as normas estabelecidas e imaginam novas formas de ocupação.

A relação entre género e experiência urbana é o foco do texto *Espaços Públicos, Lutas Compartilhadas: Como o Género Molda a Experiência Urbana*, de Florencia Andreola, Silvia Tagliazucchi e Federica Rocchi. As autoras desmontam a ideia de neutralidade dos espaços públicos, evidenciando como o planeamento urbano tradicional perpetua desigualdades de género e limita a participação de mulheres e minorias de género na vida pública. A partir de questões como “Quem se sente seguro/a ao voltar para casa à noite?” ou “Quais necessidades recebem prioridade nos transportes públicos?”, o texto desafia-nos a repensar as cidades como espaços verdadeiramente inclusivos, onde as diferenças de género sejam consideradas no planeamento urbano.

A dimensão sonora do espaço público é explorada no artigo *Soundwalks Transfeministas: Configurando o Espaço Urbano através da Voz e da Presença*, de Federica Rocchi, Silvia Tagliazucchi e Meike Clarelli. A partir da experiência do Collettivo Amigdala em Modena, Itália, as autoras apresentam o *soundwalk* como uma prática artística transfeminista que utiliza o som, a escuta e o caminhar para criar cartografias críticas alternativas. Estas práticas, que promovem a escuta mútua e a ação coletiva, são apresentadas como uma forma de intervenção política e estética que desafia as relações de poder no espaço público e promove a reconfiguração das paisagens urbanas por parte de corpos marginalizados.

Por fim, os textos *Urbanismo Feminista: Entrelaçando Comunidades e Artistas* e *A Perspetiva Feminista como Instrumento de Transformação da Habitação*, ambos do Col·lectiu Punt 6, baseado em Barcelona e no qual participam sociólogas, arquitetas e urbanistas, abordam a necessidade de repensar o urbanismo e a habitação a partir de uma perspetiva feminista. O urbanismo feminista, como defendido pelo coletivo, coloca a vida quotidiana e os cuidados no centro do planeamento urbano, promovendo cidades seguras para todas as pessoas. A habitação, por sua vez, é apresentada como um direito fundamental, cuja garantia passa

pela aplicação de uma perspectiva feminista interseccional nas políticas públicas. Estes textos sublinham a importância de criar redes de colaboração entre organizações feministas e artísticas, bem como de utilizar ferramentas criativas para tornar o urbanismo mais acessível e inclusivo.

Este número especial da nossa revista é, assim, um convite à reflexão e à ação, partindo de uma abordagem transnacional à realidade social. Através das vozes de artistas, académicas e ativistas, exploramos as múltiplas formas como as mulheres e outras identidades marginalizadas experienciam, ocupam e transformam as cidades. É um apelo à construção de espaços urbanos que não só reconheçam, mas também celebrem a diversidade das experiências humanas. Porque, no fundo, a questão não é apenas quanto espaço ocupam as mulheres nas cidades, mas como podemos, em conjunto, criar cidades onde todas e todos tenham o seu espaço e onde possamos construir juntos/as um futuro socialmente mais justo.

Voltaremos em 2026 com mais números desta publicação que tem vindo a crescer convosco. A equipa editorial dos Cadernos do Instituto de Sociologia deseja a todos/as os/as nossos/as leitores/as um excelente Ano Novo!

EDITORIAL CADERNOS IS-UP | 8

Lígia Ferro, Maria João Oliveira e Sílvia Correia
Editorial Board

As usual, we close the year with a special issue of the Cadernos do Instituto de Sociologia da Universidade do Porto, at a time when the world continues to face multiple challenges. The worsening of the polycrisis—marked by climate change, economic crises, social inequalities and growing polarisation—has intensified social uncertainty and vulnerability. Yet it is precisely in times such as these that sociology, the social sciences and humanities, and the arts prove to be more essential than ever. Through attentive listening, systematic data collection, critical analysis, and the building of bridges between academia and society, these disciplines offer tools to understand the complexities of the present and to imagine more inclusive futures.

This special issue, dedicated to the theme “How much physical and symbolic space do women occupy in cities?”, reflects this mission by bringing to the centre of the debate the experiences, struggles and proposals for transformation that emerge from interventions which, outside academia, are reconfiguring our cities and challenging the inequalities that run through them. The thematic volume arises from the project “Transfemina: Intersectional Landscapes”, funded by the Creative Europe programme, which focuses on creating spaces for reflection, discussion and collective action around the invisibility of feminist narratives in cultural heritage and inequalities in public space in three Southern European cities: Porto, Barcelona and Modena.

Urban public spaces are places of encounter and intense sociability. They are territories where histories, cultures, bodies and voices intersect. However, not all bodies and voices carry the same weight or enjoy the same visibility in our cities. Often idealised as spaces of inclusion, contemporary cities are in fact stages of profound inequalities, where dynamics of power related to gender, class, ethnicity/race—among others—are clearly manifested. It is in this context that the need arises to ask: how much physical and symbolic space do women occupy in cities, particularly in those of Southern Europe?

In the first text, *Narratives of Desire and Disobedience - 18 Years of Skin in the Field of Participatory Artistic Practices*, Maria João Mota and Sara Jorge present the trajectory of PELE, an organisation that over the past 18 years has developed artistic creation projects focused on the reflection and social and political participation, with the aim of leveraging processes of individual and collective transformation. The project *Enxoval: Time and Space of Resistance* and, more recently, the *TransFemina Laboratory - Porto*, are examples of how art can be a powerful vehicle for re-signifying public space and making visible histories and bodies that have remained absent. The authors question how much space women occupy, which bodies are invisible in cities, and which places we can

and want to re-signify. These questions resonate throughout the entire thematic issue, challenging us to reflect on the role of women in the construction of cities and their everyday lives.

Vanessa Marcos, in the text *Bodies in Transit in Public Space – Territories of (Non-)Occupation*, deepens this reflection by addressing public space as a territory of dispute. Who occupies it? How is it occupied? And at what times? The author explores the dynamics of exclusion and marginalisation that shape urban space, highlighting the importance of politicising bodies as territories to be defended. Drawing on the Porto Local Laboratory, Marcos shares experiences of mapping absences and invisibilities, proposing practices of poetic, affective and political resistance that challenge established norms and imagine new forms of occupation.

The relationship between gender and urban experience is the focus of the text *Public Spaces, Shared Struggles: How Gender Shapes the Urban Experience*, by Florencia Andreola, Silvia Tagliazucchi and Federica Rocchi. The authors dismantle the idea of neutrality in public spaces, showing how traditional urban planning perpetuates gender inequalities and limits the participation of women and gender minorities in public life. Through questions such as “Who feels safe returning home at night?” or “Which needs are prioritised in public transport?”, the text challenges us to rethink cities as truly inclusive spaces, where gender differences are taken into account in urban planning.

The sound dimension of public space is explored in the article *Transfeminist Soundwalks: Configuring Urban Space through Voice and Presence*, by Federica Rocchi, Silvia Tagliazucchi and Meike Clarelli. Drawing on the experience of the Collettivo Amigdala in Modena, Italy, the authors present the soundwalk as a transfeminist artistic practice that uses sound, listening and walking to create alternative critical cartographies. These practices, which promote mutual listening and collective action, are presented as a form of political and aesthetic intervention that challenges power relations in public space and fosters the reconfiguration of urban landscapes by marginalised bodies.

Finally, the texts *Feminist Urbanism: Weaving Communities and Artists* and *The Feminist Perspective as a Tool for the Transformation of Housing*, both by Col·lectiu Punt 6, based in Barcelona and composed of sociologists, architects and urban planners, address the need to rethink urbanism and housing from a feminist perspective. Feminist urbanism, as advocated by the collective, places everyday life and care at the centre of urban planning, promoting cities that are safe for everyone. Housing, in turn, is presented as a fundamental right, whose guarantee requires the application of an intersectional feminist perspective in public policies. These texts underline the importance of creating networks of collaboration between feminist and artistic organisations, as well as using creative tools to make urbanism more accessible and inclusive.

This special issue is therefore an invitation to reflection and action, starting from a transnational approach to social reality. Through the

voices of artists, academics and activists, we explore the multiple ways in which women and other marginalised identities experience, occupy and transform cities. It is a call to build urban spaces that not only recognise but also celebrate the diversity of human experiences. Because, ultimately, the question is not only how much space women occupy in cities, but how we can, together, create cities where everyone has their space and where we can jointly build a more socially just future.

We will return in 2026 with more issues of this publication, which has been growing with you. The editorial team of the Cadernos do Instituto de Sociologia wishes all our readers an excellent New Year!